

**ONE
CITY
ONE
STORY**

A Filha Da Prostituta

Richard Russo

Traduzido por: Fabíola Marques da Silva and Carla Tiveron

2011

Introduction

The Boston Book Festival presents the second annual One City One Story, a project to spread the joy of reading for pleasure among the teens and adults of our city and to create community around a shared reading experience.

Our goal is to make a short story available to all free of charge. By distributing 30,000 copies of Richard Russo's story "The Whore's Child" and providing audio files, downloads, and translations on our website, we aim to ignite discussions that reveal the many perspectives and viewpoints of Boston residents.

We hope you will read, enjoy, and discuss "The Whore's Child" at local meet-ups, library events, and on our website. And if you are inspired by this story to write your own, check out the One City One Story writing contest on our website.

Visit www.bostonbookfest.org/1C1S to learn more.

Join us at the Boston Book Festival on October 15th to meet Richard Russo and take part in a Town Hall-style discussion of the story.

ONE CITY ONE STORY: READ. THINK SHARE.

A Filha Da Prostituta

Irmã Úrsula pertencia a uma ordem praticamente extinta de freiras belgas, que conduziam o pouco que restou de seus serviços espirituais em uma casa velha e decrépita comprada pela diocese aparentemente porque era improvável que durasse mais do que elas. Como era na Avenida Forest, a uma quadra da nossa casa, eu já tinha visto Irmã Úrsula muitas vezes antes da noite em que ela apareceu no curso, mas nós nunca tínhamos nos falado. Ela tinha uma perua enferrujada, sempre lotada de freirinhas idosas, que precisavam de ajuda para subir e descer. Embora a Igreja St Francis fosse a apenas algumas quadras de distância, era muito longe para qualquer uma delas caminhar, mas não para Irmã Úrsula com seu andar esquisito mas persistente. “Você deveria ir lá e se apresentar um dia desses,” sugeriu minha esposa, Gail, mais de uma vez. “Essas velhinhas foram abandonadas.” Essa suspeita foi mais tarde confirmada pela própria Irmã Úrsula. “Estão esperando que a gente morra,” ela confessou. “Impacientes porque nos agarramos a nossas existências miseráveis.”

“Tenho certeza de que não quer dizer isso,” eu disse, uma observação que veio a tornar-se meu mantra com ela, e ela, por sua vez, parecia ter prazer em ouvir-me dizer isto.

Ela apareceu no curso naquela primeira noite e acomodou-se bem no meio do seminário, apesar do fato de seu nome não estar na minha

lista. Cursos para escrever ficção são populares e invariavelmente têm vagas esgotadas na maioria das universidades, ainda mais se o escritor ministrando o curso acabou de publicar um livro, como eu tinha feito na primavera anterior. Publicar o tipo de livro que fica à mostra nas livrarias de shopping centers dá um ar de celebridade a escritores acadêmicos e os diferencia de seus colegas eruditos, cujos livros assemelham-se a itens de especialidade duvidosa encontrados apenas em boutiques e mercadinhos de comida saudável. Eu tinha conseguido bastante publicidade com meu livro recente, o meu primeiro em mais de uma década, e minha notoriedade fugaz poderia explicar a presença de Irmã Úrsula na minha sala de aula na primeira noite gelada do semestre de outono, apesar de ela não ter dado nenhuma indicação disto, ou de que me reconhecesse como seu vizinho.

Não, Irmã Úrsula parecia desconhecer não apenas que eu era seu vizinho, mas também todas as formalidades do departamento e da universidade. Quando foi informada que os alunos requisitavam vaga para o curso avançado de escrita ficcional através da submissão de um manuscrito no semestre anterior, e que os pré-requisitos eram os cursos básico e intermediário, Irmã Úrsula não discutiu nem a existência nem o bom senso destes procedimentos. Tampouco pegou suas coisas e saiu, o que me deixou em uma situação complicada. Normalmente não permito que alunos não matriculados permaneçam na sala, porque fazê-lo leva-os a acreditar erroneamente que podem persuadir, bajular ou cortejar para serem aceitos. No passado eu já tinha mostrado o caminho da porta até mesmo a jogadores de football sem a menor cortesia ou cerimônia, mas agora era uma questão totalmente diferente. A própria Irmã Úrsula era tão grande quanto um volante, mas ainda mais persuasivo que isso era sua linguagem corporal, a qual sugeria que uma vez acomodada não tinha o costume de mover-se. E já que ela estava definitivamente acomodada, eu deixei que ficasse.

Depois da aula, no entanto, eu expliquei o porquê seria altamente antiético da minha parte permitir que ela permanecesse no workshop avançado de ficção. Afinal de contas, ela livremente admitiu nunca ter tentado escrever uma estória antes, o que a colocava, eu expliquei, em

extrema desvantagem. Meu erro foi não ter acabado com o assunto por aqui. Ao invés disso eu continuei. “Isto é uma aula para contadores de estórias, Irmã. Somos todos mentirosos aqui. O único propósito de nosso cometimento é tornar-nos especialistas em inventar coisas, em substituir nossas próprias verdades por a verdade. Nesta aula nós de fato preferimos uma mentira bem contada,” eu concluí, certo de que isto faria com que ela mudasse de ideia

Ela deu uns tapinhas na minha mão, como se faz na mão de uma criança. “Você não se preocupe,” e logo assegurou-me, ajeitando seu véu para a viagem de volta. “Minha vida inteira tem sido uma mentira.”

“Tenho certeza de que não quer dizer isto,” Eu disse a ela.

No convento, os primeiros escritos de Irmã Úrsula começaram, Eu era conhecida como a filha da prostituta.

Boa introdução, eu escrevi na margem, como que sugerindo que sua escolha tivesse sido puramente artística. Ela estava simplesmente começando com o que foi para ela o início de seu tormento. Ela estava escrevendo—e continuaria a escrever—um livro de memórias. Lá pelo meio do semestre eu desistiria de pedir que ela inventasse coisas.

A primeira parte pesava robustas vinte e cinco páginas, as quais davam detalhes do sofrimento de uma garotinha levada para viver na escola de um convento belga, onde o tratamento dado às crianças era determinado pelo status social e financeiro dos pais que as tinham abandonado lá. Como estava lá por caridade e era filha de uma prostituta, a jovem Irmã Úrsula (pois não havia dúvidas de que ela era o narrador em primeira pessoa) se encontrava no nível mais baixo da cadeia alimentar eclesiástica. O pouco que ela possuía—algumas canetas e papéis que seu pai tinha comprado para ela um dia antes de partirem da cidade, junto com um lindo vestido novo—foi tomado dela, e foi informada de que daquele momento em diante tão deploráveis bens não lhe fariam serventia. Suas necessidades—comida, um uniforme e um único par de sapatos—seriam fornecidos a ela, embora não

houvesse dúvidas que ela iria mostrar-se indigna de recebê-los. Os sapatos que lhe foram dados eram dois números menores, um acidente, imaginou Irmã Úrsula, até perguntar se poderia trocá-los pelos sapatos de uma menina mais jovem que eram dois números maiores, apenas para ser tratada com desdém por sua impertinência. Não demorou muito para que desenvolvesse o andar torto de uma aleijada, o qual era deveras imitado pelas outras crianças, que imediatamente viram nela um objeto perfeito para seu escárnio mais cruel.

A zombaria de suas colegas foi algo com que Irmã Úrsula rapidamente aprendeu a lidar, evitando sua companhia. Cedo se acostumou que se referissem a ela como “a filha da prostituta,” e ela tinha esperança de que as crianças acabassem por se cansar de chamá-la assim se ela conseguisse dar um jeito de disfarçar o quanto profundamente aquilo a machucava. Durante as recreações no pátio do convento ela aperfeiçoou a arte de tornar-se invisível, evitando todos os jogos e competições, pois ela sabia que mesmo aquelas em seu próprio time seriam hostis. O que ela não estava preparada é para a crueldade que sofrera nas mãos das freiras, que pareciam tirar tanta satisfação em atormentá-la quanto suas protegidas—começando com seu pedido para trocar de sapatos. Ela não tinha simplesmente sido informada de que isto não era permitido, mas tinha recebido uma terrível explicação do porquê não o era. O roçar dos sapatos apertados tinha feito seus calcanhares sangrarem nas grossas meias brancas e depois nos próprios sapatos. Só mesmo uma criança muito malcriada, explicou Irmã Verônica, emporcalharia de sangue os sapatos que lhe foram dados, e depois imploraria para trocá-los pelos sapatos de uma criança inocente. Será que ela achava justo, perguntava em voz alta a velha freira, que fosse pedido a uma outra criança, uma que não só tinha uma mãe honrada mas também um pai, para que usasse os sapatos contaminados da filha de uma prostituta?

Pior do que a ferroada na sugestão da velha freira de que tudo que Irmã Úrsula tocasse imediatamente se tornaria infectado, era a dedução que vinha na esteira da outra observação. A menina inocente não só tinha uma mãe honrada—Irmã Úrsula sabia o que

isto significava—mas também um pai, o que parecia inferir que ela não tinha um. Ela bem sabia que tinha um pai sim, um pai alto e bonito, que tinha prometido resgatá-la daquele lugar assim que ele encontrasse trabalho. De fato, tinha sido seu pai quem a trouxera ao convento, quem tinha assegurado à Madre Superiora que ela era uma boa menina e nem um pouquinho malcriada. Como então Irmã Verônica tinha chegado à conclusão de que ela não tinha pai? A jovem menina tentou entender mas ficou confusa. Ela sabia por experiência que o mau, por sua própria natureza, mandava mais no mundo do que o bem. E ela entendia que o fato de sua mãe ser meretriz fazia dela “a filha da prostituta”, que a perversão de sua mãe manchava a honra de seu pai, mas será que isto anulava a existência dele? Como poderia ser? Ela não ousou perguntar, e então as palavras da velha freira penetraram ainda mais profundamente, intensificando uma miséria que já beirava o desespero.

O primeiro esboço de Irmã Úrsula terminava aqui, e seus colegas de curso debateram sobre o texto Úrsula como quem debate sobre uma nave espacial alienígena. Muitos tinham frequentado escolas católicas onde eles tinham sido ensinados por freiras e, não estavam certos apesar do meu incentivo, de que era permitido criticar uma delas. O próprio argumento era novo para eles; eles nunca tinham encontrado nada assim no workshop. Um ponto positivo é que a estória de Irmã Úrsula tinha uma personagem, e a personagem estava vivendo uma situação terrível, e essas eram coisas boas para se ter em uma estória. Por outro lado, a velha freira não usava o idioma com perfeição, seu estilo tosco e obsoleto, e a estória parecia estar seguindo sem chegar exatamente a lugar algum. Fazia-os lembrar de estórias que eles tinham ouvido de outras pessoas idosas, causos que até mesmo o narrador acabava perdendo o fio da meada, narrativas que aos poucos iam definhando com a frágil insistência de que estes acontecimentos são fatos reais. “É a estória de uma vítima,” um aluno reconheceu. “a personagem está sendo conduzida por forças externas, mas ela não tem escolha, o que significa que nada que ela faça pode ter resultado. Se ela não participar de seu próprio destino, onde está a estória?”

Por não ter feito os cursos básico e intermediário, Irmã Úrsula estava bastante elucidada por estes comentários, e com entusiasmo tomava notas de tudo que era dito. “Mas eu gostei,” completou o aluno que tinha identificado a estória como a de uma vítima. “É diferente.” Como que querendo dizer que a própria Irmã Úrsula era diferente.

A velha freira passou no meu escritório no dia seguinte, claramente ainda estava refletindo sobre o workshop. “Ser tanto... um vítima,” ela disse, buscando as palavras certas, “Não é bom?”

“Não,” eu sorri. Não em estórias, não na vida, eu já ia acrescentar, quando lembrei que Irmã Úrsula ainda não estava fazendo esta distinção, e que eu só a confundiria mais. “Mas talvez no próximo esboço?” eu sugeri.

Ela me olhou confiante.

“Quem sabe sua personagem vai fazer algumas escolhas próprias no decorrer da estória?” Eu incitei.

Irmã Úrsula pensou nesta possibilidade por um longo tempo, olhando pra ela eu podia perceber que o passado não era nem um pouco flexível como ela possa ter desejado

Ela estava pronta para sair quando percebeu o retrato da minha filha que eu tenho na minha mesa. “Sua filhinha,” ela disse, “é um menina muito linda, não é?”

“Sim,” eu disse, mostrando que ela poderia pegar o retrato se quisesse.

“Às vezes eu a vejo quando passo de carro,” ela explicou. Como eu não disse nada, ela acrescentou, “Às vezes eu não a vejo mais?”

“Ela e a mãe foram embora,” eu expliquei, a frase parecendo sintaticamente esquisita, como se eu também fosse estrangeiro. “Elas estão vivendo em outro estado.”

Irmã Úrsula acenou que sim com a cabeça, incerta, como que ponderando se “estado” se referia a condição ou lugar, e então falou, “Ela vai retornar para este estado?”

Foi a minha vez de acenar com a cabeça. “Eu espero que sim, Irmã.”

E então eu me tornei católica, começava o segundo esboço da estória de Irmã Úrsula, e novamente eu rabisquei *boa introdução* na margem esquerda antes de debruçar-me sobre o resto. Eu já tinha tido alunos como Irmã Úrsula antes, e eles tinham inspirado o limite rigoroso de vinte e cinco páginas em todos os meus workshops. Eu percebi que para este segundo esboço ela tinha estreitado as margens, mexido na fonte, juntando mais as letras. O espaço entre as linhas não parecia ser bem duplo, talvez 1.7. Pecados veniais.

Por não ter tido nenhum treinamento religioso antes de entrar no convento, por algum tempo Irmã Úrsula não podia recitar as orações com as outras crianças, mais evidência, se fosse necessária alguma, da depravação moral inerente a ser criada de uma prostituta. Ela descobriu que não era tarefa fácil aprender orações na cadência da ridicularização pública, mas ela aprendeu, e mesmo que no começo fosse um tormento dizer as orações memorizadas, isto acabou se tornando um conforto. A maioria das orações que ela esforçou-se para decorar insistiam na existência de um Deus que, pelo menos na pessoa do Cristo crucificado, era infinitamente mais afetuoso e compreensivo e compassivo do que as mulheres que ele tinha levado ao altar como Suas Noivas.

Ter afeto e compreensão e perdão parecia ser para Irmã Úrsula a indulgência plena, e por isso passou a viver na capela do convento, sempre que tinha oportunidade refugiava-se lá, das zombarias e vaias das outras crianças e das repressões das freiras. Ela gostava do cheiro do lugar—úmido e fresco e limpo—especialmente quando ela tinha o lugar só para ela, quando não estava ocupado com os corpos de freiras velhas e rançosas e crianças suadas. Frequentemente ela conseguia se esconder na capela por uma hora ou mais antes de finalmente ouvir o ranger de uma das portas laterais sendo aberta, momentaneamente inundando de luz o assoalho. E depois a sombra comprida e escura de uma freira cairia sobre Irmã Úrsula, que ajoelhada rezava ao

pé de uma cruz, e ela não teria outra escolha a não ser erguer-se e deixar-se levar de volta a seu tormento. Frequentemente puxada por uma orelha.

Além de ter memorizado as orações permitidas, Irmã Úrsula criou outras só dela. Ela rezava para que Irmã Verônica, que tinha sugerido que ela não tinha pai e que trabalhava no estábulo do convento, levasse um coice de cavalo na cabeça e ficasse parálitica para o resto da vida. Ela rezava para que Irmã Josefa, que usava seu poder como responsável pela cozinha para assegurar que as crianças pobres recebessem a pior comida e em menor quantidade, escorregasse um dia e caísse dentro de uma tina de água fervendo. Obrigada a passar a maioria dos feriados no convento, Irmã Úrsula rezava para que as crianças que tinham autorização para ir para casa perecessem em acidentes de trem. Às vezes em um estado de espírito econômico, ela rezava para que o convento fosse destruído por um incêndio e o ar se enchesse de cinzas. Ela não via nada de errado em ofertar tais orações, particularmente porque nenhuma delas, independentemente da urgência, foi jamais atendida. Ela sentia uma leve confiança em Jesus crucificado, suspenso à cima do altar principal na capela do convento. Ele parecia saber tudo que estava em seu coração e entender que tudo que habitava lá era absolutamente necessário para sua sobrevivência. Ele não relutaria em atender estas preces.

De fato, Jesus crucificado lembrava Irmã Úrsula de seu pai que ela sabia nunca ter desejado mandá-la para o convento, e que sentia saudades dela todos os dias, igualzinho ela sentia saudades dele. Como Jesus, seu pai era magro e bonito e triste; e incapaz de encontrar trabalho e casado com uma mulher que era sua desonra. Ele estava, como Jesus, preso no mesmo lugar. No entanto, se as orações que ela tinha memorizado com tanta dificuldade fossem verdadeiras, havia esperança. Jesus não tinha se livrado de sua coroa de espinhos e descido da cruz para tornar-se a luz e salvação do mundo? Recrutando os humildes e verdadeiros de coração? Quando não estava rezando para que um cavalo desse um coice na cabeça de Irmã Verônica, Irmã Úrsula rezava fervorosamente para que um dia seu pai fosse livre. A primeira

coisa que ele faria, ela tinha certeza, era vir até ela, e por isso cada vez que a porta lateral da capela abria, ela se voltava para a luz intensa com uma mistura de esperança e medo, e apesar de sempre ser uma freira cuja silhueta cobria a porta toda, ela se agarrava obstinadamente à crença de que em breve seria seu pai ali parado.

Em um feriado de Natal—era o seu terceiro ano em um convento?— Irmã Ursula foi convocada ao escritório da Madre Superiora, quem a disse para se preparar para uma jornada. Isso foi uma semana inteira antes de que qualquer aluno fosse permitido a deixar o convento para o feriado de Natal, e Irmã Ursula foi instruída a não contar a ninguém de que logo deixaria o convento. De fato, a Madre Superior parecia atrapalhada, e isso deu a Irmã Ursula alguma esperança. Durante seus anos de segredo, ela permitia muitas fantasias de libertações dramáticas com rezas vingativas, e com frequência imaginava a chegada de seu pai a cavalo, dando socos frenéticos no portão principal e dando passos propositalmente largos através do patio até dentro da capela. Talvez, a ansiedade da Madre Superior originou-se do fato de que seu pai já estaria a caminho para efetuar a tal salvação.

No horário determinado, Irmã Ursula esperou no portão principal, como havia sido instruída, diante de um lugar onde não era permitida a entrada de nada e ninguém, e aguardava pela chegada de seu pai. Ela esperava que ele viesse em um coche ou carruagem e que um desses os transportaria para a estação de trem da vila, mas se necessário ela completaria essa jornada a pé mais do que feliz, desde de que ela e seu pai estivessem juntos. Ela já tinha melhores sapatos, mas ainda mancava como uma aleijada. Então, quando uma carruagem apareceu no horizonte da estrada esfumaçada diante do portão de ferro, o seu coração bateu com ímpeto, até ela reconhecer que a carruagem pertencia ao convento. Dentro, não estava o seu pai, mas sim a Irmã Veronique, quem não levou um coice de cavalo na cabeça, apesar de Irmã Ursula ter rezado três anos para isso. Quando a carruagem fez uma pequena parada, Irmã Ursula percebeu que suas esperanças tinham sido subvertidas por suas necessidades e , de que ela seria banida pelo convento, e não salva dele. Ela não temia uma vida pior

do que a que ela tinha porque uma vida pior não estava ao alcance dos poderes de sua imaginação. Pelo contrário, o que a assustava era a possibilidade dela ser levada do convento e seu pai nunca mais poder encontrá-la quando a hora certa chegasse. Esse terrível medo ela guardou para si mesma. Ela e Irmã Veronique não trocaram uma palavra durante a longa jornada até a cidade.

No tardar daquela noite, elas chegaram a um hospital e foram levadas para o centro de caridade, só para serem informadas de que a mãe de Irmã Ursula havia falecido logo após elas terem deixado o convento naquela manhã. Uma freira vestida toda de branco informou Irmã Veronique que era melhor a menina não ver a finada, e passou reto entre elas. Tudo o que restou como uma forma de lembrança, foi uma foto frágil e de formato oval que a freira de branco deu para Irmã Ursula, que não esboçou nenhuma reação com a notícia da morte de sua mãe. Desde que chegou ao hospital Irmã Ursula entrou e um estado de choque paralítico como se fosse seu pai que estivesse doente. Mas, pareceu que pelo uma de suas preces foi ouvida: seu pai pelo menos estava vivo.

Mas, onde ele estava? Quando ela teve coragem para perguntar, as duas freiras trocaram olhares de que era óbvio que a freira de branco acreditava que ela não tinha pai, assim como Irmã Veronique acreditava, e Irmã Ursula também percebeu que seria inútil para ela, uma criança, tentar convencer a freira de branco do contrário. Sua fúria a apoiou durante a viagem de trem, mas quando o convento pode ser avistado da carruagem, Irmã Ursula não aguentou e começou a soluçar. Para sua surpresa se não conforto, Irmã Veronique colocou sua mão grossa e calosa sobre seu ombro e disse calmamente: “Não se preocupe, menina. Você se tornará uma de nós”. Como resposta, Irmã Ursula se afastou o máximo que pode da freira e começou a soluçar ainda mais, sabendo que aquilo poderia ser verdade.

“Vamos conhecer seu pai algum dia?” uma aluna queria saber. “Digo isso porque ela o almeja, ele é comparado a Cristo, mas nunca o vemos diretamente. Nós somos, tipo assim, *ditas* como se sentir sobre ele. Se ele nunca aparecer, eu me sentirei traída.

Irmã Ursula, atenciosamente percebeu a crítica, mas bastava olhar para a mulher idosa para saber que o pai não apareceria. Qualquer pessoa que se sentisse traída por isso poderia se juntar ao clube.

Um dia após o Segundo seminário de Irmã Ursula, a campanha de minha porta tocou a sete e meia da manhã. Eu custei para sair da cama, coloquei um roupão e fui até a porta. Irmã Ursula, claramente agitada, estava na varanda. Seu carro sucateado estava parado na guia, cheio de freiras curiosas e míopes, retornando, imaginei, da missa matinal. O quintal estava cheio de folhas secas e sujas de Novembro, sendo que algumas grudaram na parte de baixo do hábito da Irmã Ursula.

“Ele tem que estar na estória? Ele tem que retornar?”. Irmã Ursula queria saber. Por mais que ela quisesse que ele aparecesse na sua vida, ela precisava por algum motivo, excluí-lo da versão narrativa.

“Ele já está *na* estória”, eu disse, apertando o cinto de meu roupão em minha cintura.

“Mas eu nunca o vi depois que ela morreu. Sobre isso que é a minha estória”.

“Que tal um flashback?” eu sugeri. “Você mencionou que teve um feriado de Natal...”

Mas ela não estava mais me ouvindo. Seus olhos cinza manchado, endureceram. “Ela morreu de sífilis.”

Eu balancei a cabeça, sentindo algo endurecendo dentro de mim também. Atrás de mim, ouvi a porta do banheiro abrir e fechar e, por um instante, achei que vi o olhar fixo de Irmã Ursula. Talvez ela tenha visto um relance de Jane, a mulher com quem estava envolvido, e me dei por conta de que estava torcendo para que tivesse acontecido.

“O coração de meu pai estava partido.”

“Como você sabe disso sendo que nunca mais o viu?”

“Ele a amava”, ela explicou. “Ela o arruinou.”

Foi meu ódio que me fez ir mais profundamente a igreja, assim começou o terceiro episódio de Irmã Ursula. As palavras se expremeram ainda

mais em exatas vinte e cinco páginas e, isso elicitou meu comentário sobre as margens, que já era padrão. Como sendo uma escritora de sentenças abertas, Irmã Ursula estava sem par entre os meus alunos.

Nos meses seguintes após a morte de sua mãe, uma explicação ocorreu para Irmã Ursula. Seu pai, provavelmente, havia reservado uma passagem para a América para procurar emprego. Ela sabia que tais jornadas eram carregadas de perigos inimagináveis e que talvez ele agora esteja no fundo do oceano. Então, pouco a pouco, ela começou a aceitar a inevitável profecia cruel da Irmã Veronique. Ela se tornaria uma daquelas que detestava. Ironicamente, esse fato foi apressado pela morte inesperada da profeta, que levou um coice de um cavalo, não na cabeça como a Irmã Ursula havia pedido em suas preces, mas no peito, causando uma grave hemorragia interna e criando uma vaga no estábulo. Durante sua longa estadia no convento, Irmã Ursula preferiu ter a companhia dos animais a dos humanos, então, aos dezesseis anos, uma mulher já robusta como sua mãe, ela se tornou uma mulher de Deus.

O conto de Irmã Ursula sobre os seus anos de juramento, praticamente uma descrição de suas obrigações no estábulo, trazia várias vagas memórias da única semana que ela teria passado em casa para o feriado de Natal, no seu primeiro ano no convento. Durante aquele feriado ela viu muito pouco de sua mãe—um alívio, já que Irmã Ursula temia o calor do abraço de sua mãe e de seu perfume de prostituta com um aroma excessivamente doce e desagradável. Porém, seu pai querido, a levou junto com ele, a colocando em um cômodo banco ao lado de fora dos prédios escuros que ele entrou, dizendo a ela quanto tempo ele levaria e até que número ela deveria contra até que ele voltasse. Apenas poucas vezes ela teve que contar muito. “Você encontrou trabalho, pai?” ela perguntava toda vez que seu pai voltava. Para Irmã Ursula parecia que em prédios grandes e escuros como os que seu pai entrava havia trabalho, com tantos homens entrando e saindo, mas não havia nada. Contudo, o fato deles estarem juntos era alegria o suficiente. Seu pai a levou para a plataforma para ver os barcos, para um parque de diversões, onde

um homem que seu pai conhecia a deixou andar em um poni sem ter que pagar nada e, finalmente, um frio picnic no campo onde eles comeram pão quente e queijo. Cada vez que um desses passeios terminasse, seu pai prometeria mais uma vez, que ela não teria que ficar no convento por muito mais tempo, e que outro Natal os traria juntos.

O episódio terminou com Irmã Ursula fazendo seus juramentos finais na mesma capela que por anos foi o seu refúgio das crianças que a perseguiam e para as quais ela sempre seria a filha da prostituta. Ali, no altar de Deus, Irmã Ursula fantasiou seu resgate até o último minuto, como uma noiva relutante em um casamento arranjado. Quando pediram para ela proclamar sua devoção irrevogável para Deus e para única verdadeira Igreja, ela pausou e se virou em direção a porta lateral da capela, a mesma que ela sempre imaginou que seu pai abriria e desejou que a sombra de seu pai surgisse da luz e que aquelas inúteis mulheres e crianças detestáveis desaparecessem diante dele.

Mas a porta permaneceu fechada, a capela escura tirando os fios de luzes das centenas de velas, então, Irmã Ursula se tornou uma noiva.

“Não há muita misoginia nessa estória?” observou um estudante do sexo masculino, o qual eu sabia que estava fazendo um curso com a única feminista raical do departamento de inglês e, por esse motivo, ele estava a par de todas as manifestações misoginistas insidiosas. Por expor sua opinião em uma forma de pergunta, talvez ele estaria indicando que a desconfiança e mesmo o ódio às mulheres evidente nas memórias de Irmã Ursula fosse aceitável nesse caso porque a autora era, meio que, uma mulher.

Em qualquer proporção, ele estava certo em ser prudente. O que você esperaria, disseram suas colegas como em um coral. Tudo isso acontece em um escola só para meninas. Existiram apenas dois homens na estória, e um deles é Jesus, então a amostra da estatística foi demarcada para ser destorcida. Não, leia corretamente. Irmã Ursula era claramente uma feminista.

“Mas eu *gostaria* de ver mais da mãe”, uma menina abdicou. “Foi uma grande evasive ela ter morrido antes que elas pudessem chegar ao hospital.”

“Você queria uma morte dramática?” disse outra pessoa. “Isso não seria um pouco melodramático?”

Aqui a conversa titubeou. Melodrama era algo ruim, tão ruim quanto misoginia.

“Por que mandaram a filha?” Outra pessoa quis saber. “Se a mãe não a amava, porque a mandaram ir?”

“Talvez o pai a mandou?”

“Então por que ele não estava lá?”

“Fui eu” interrompeu outra pessoa, “que queria ver mais do pai no último debate antes da submissão, mas agora eu acho que eu estava errado. Tudo aquilo com seu pai durante o feriado de Natal? É como se estivéssemos escutando o que já sabíamos. E depois ele não está lá no hospital quando a mãe morre. Estou confuso.” Ele olhou para mim. “Você não está?”

“Talvez alguém do hospital ligou para o convento, “sugeri outro aluno, me deixando de lado.”

“Para uma prostituta em fase terminal em um centro de caridade? Como eles saberiam onde a filha estaria a não ser que a mãe os dissesse?”

Agora, todo mundo olhou para Irmã Ursula, que sob um bombardeio de perguntas parecia ter entrado em um estado de transe.

“Eu não me importo,” disse outro aluno, um dos solitários no fundo da sala. “Eu *gosto* dessa estória. Parece real.”

• • •

O quarto e último episódio da estória da Irmã Ursula, tinha apenas seis páginas e meia com margens regulares, fonte normal e o espaçamento duplo padrão.

Minha vida como uma freira tem sido uma vida cheia de ódio e amargura, começou. Eu considerei em escrever, *Você não quer dizer isso*, na margem ao lado, mas me absteve. Irmã Ursula sempre tinha a intenção de dizer o que dizia. Já era fim de novembro, e ela não tinha virado um centímetro, no sentido literal, desde o Dia do Trabalho. Essas últimas e superficiais páginas, resumiram seus últimos anos restantes no convento até que foi parcialmente destruído pelo fogo. Foi naquela época que Irmã Ursula veio para a América. Ainda uma mulher relativamente nova, ela até agora, não teve algum pensamento sobre deixar a ordem que sempre desprezou. Ela se tornou, como Irmã Veronique previu, uma delas.

Uma vez, quando estava perto dos cinquenta anos, ela retornou à Bélgica para procurar por seu pai, mas ela tinha pouco dinheiro e não encontrou pista alguma. Era como se fosse o que Irmã Veronique sempre afirmou, o homem nunca existiu. Quando o seu capital esgotou, Irmã Ursula cedeu e voltou para a América para viver o que restava de sua vida entre os outros órfãos de sua ordem. Esse foi seu primeiro curso de faculdade, ela explicou, e ela queria que seus colegas de classe soubessem que foi um prazer conhecê-los e ler suas estórias, e os agradeceu por terem ajudado com a sua estória. Tudo isso estava no último parágrafo da estória, em um gesto pós-moderno inconsciente.

“Essa última parte meio que se perdeu”, um aluno admitiu, claramente sofrendo por dizer isso depois que a autora havia agradecido seus leitores pela ajuda. “Mas é uma das melhores estórias que tivemos durante o semestre inteiro.”

“Eu também gostei,” disse outra pessoa, cuja voz não soou bem.

Todo mundo parecia entender que havia mais a ser dito, mas ninguém sabia o que poderia ser. Irmã Ursula parou de fazer anotações e silenciosamente escondeu-se na sala. Por algum tempo eu vinho

observando uma jovem mulher que praticamente disse nada durante o semestre todo, mas que escreveu relatórios longos e detalhados sobre todas as estórias. Ela havia chamado minha atenção agora porque seus olhos estavam cheios de água. Eu a enviei um urgente telepático apelo. Não. Por favor, não.

“Mas a menina na estória nunca *entendeu* isso,” ela protestou.

Os outros alunos, incluindo Irmã Ursula, olharam para ela. “Entendeu o quê?”

Eu confesso que o meu coração estava na minha garganta.

“Sobre o pai,” ela disse. “Ele era o cafetão da mãe, certo? Existe outra explicação?”

“Então,” Irmã Ursula disse com tristeza, “eu estava escrevendo o que vocês chamam de uma estória de ficção.”

Agora era meio de dezembro, eu tinha que entregar as notas e, eu estava quebrando a cabeça sobre o que fazer com a nota da Irmã Ursula. Ela não havia entregue o portfólio final do trabalho revisado para ser avaliado e, nem havia voltado a aula depois da sua última aula prática, e não importava o tanto que eu tentasse, eu não conseguia tirar da minha cabeça a imagem da velha freira que me assombrou por semanas com seu rosto se desfazendo em um reconhecimento terrível de uma mentira intencional que ela havia contado a si mesma durante toda sua vida.

Então eu decidi fazê-la uma visita na casa velha onde ela morava com mais cinco freiras idosas que viviam em um lugar apertado por quase uma década em antecipação à dissipação de sua ordem. Eu levei um presente que era um enfeite de árvore de Natal, para depois descobrir que elas não tinham uma árvore, a não ser que você considerasse algo de plástico com nove polegadas sob um mantel na sala uma árvore. Isto que é fiasco da imaginação, em uma casa habitada por mulheres idosas e debilitadas, quem poderia colocar e decorar uma árvore?

Irmã Ursula parecia estar surpresa em me ver ali parado em sua varanda inclinada, mas ela me direcionou até uma pequena sala de visitas perto do corredor principal. “Devemos ser bem quietos”, ela disse suavemente. “Irmã Patrice adoeceu. Eu sou a enfermeira dela, sabe. Eu sou a enfermeira de todas elas.”

Em uma pequena sala nos sentamos em cadeiras em direção oposta com uma mesa nos separando. Eu deveria estar parecendo desconfortável porque Irmã Ursula disse: “Você sempre ficou nervoso perto de mim, e você não deveria. Que maldade houvera em mim, se desintegrou assim como meu vigor.”

“É que eu apanhei de uma freira quando criança,” eu expliquei.

Irmã Ursula, que havia dito tantas coisas horríveis sobre freiras, pareceu por um momento chocada. Então ela sorriu. “Oh, eu entendo que você fez uma piada,” ela disse. “Eu achei que você fosse... qual foi a palavra que um menino e nossa sala usou para descrever aquelas como eu?”

Eu tive que pensar por um minuto. “Oh, uma misoginista?”

“Sim, isso. Você me diria a verdade se eu te perguntasse se você gosta de mulher?”

“Sim, eu gosto. Muito.”

“E eu de homem, então somos iguais. Nós dois gostamos de nossos opostos.”

O que me fez sorrir. E talvez pelo fato dela ter confessado tantas coisas sobre ela, eu senti uma vontade repentina e irracional de confessar algo em troca. Algo terrível, talvez. Algo que eu acreditasse que fosse verdade. Minha mulher me deixou porque descobriu meu envolvimento com uma mulher que eu não amava, com quem eu me ocupei, agora eu percebi, pelo fato de ter me sentido traído quando o meu livro que publiquei na primavera não vendeu bem, traí porque meu distribuidor foi irresponsavelmente otimista, dizendo que o livro me deixaria rico e famoso, e porque eu acreditei nisso irresponsavelmente, então quando isso não me deu fama e nem

dinheiro eu comecei a procurar por um prêmio de consolação, e a encontrei. Eu não sou um homem bom, eu devia ter contado a Irmã Ursula. Eu só não fracassei como também trai aqueles que amava. Se eu dissesse essas coisas para Irmã Ursula, talvez ela acharia alguma inconsistência em minha história, algum defeito. Talvez ela concluiria que eu estava brutalmente me jugando e encontrei o coração dela a dizer, “Você não quer dizer isso.”

Mas eu guardei minhas verdades para mim mesmo porque ela estava certa. Eu ficava “nervoso perto dela”.

Depois de um estranho momento de silêncio, ela disse, “Eu gostaria de mostrar algo, você gostaria de ver?”

Irmã Ursula levantou com dificuldade e deixou a sala, voltando quase que imediatamente. A foto antiga era a quase a mesma que a descrita—marrom e frágil em formato oval, a imagem feminina no meio desbotou quase em branco. Mas ainda bonita. Poderia ter sido uma foto de Irmã Ursula quando jovem, mas claro que não era. Já que não tinha nada a ser dito, eu não disse nada apenas coloquei na pequena mesa que nos dividia.

“Você? Você teve pais que te amaram?”

Eu balancei a cabeça. “Sim.”

“Você é gentil. Eu entendo que esta visita é para você ter certeza de que estou bem, mas eu venho pensando há algum tempo, você sabia o significado da minha história?”

Eu balancei a cabeça.

“Desde o começo?”

“Não, não desde o começo.”

“Mas a jovem mulher estava certa? Baseando-se nas coisas que escrevi, não poderia haver outra... interpretação?”

“Não que eu podia ver.”

“E *eu* ainda não podia ver.”

Então houve um barulho, um pequeno barulho diretamente acima. : Irmã Patrice,” Irmã Ursula me informou, e nós nos levantamos. “Necessita, de mim”. Até uma freira odiável as vezes é necessitada.”

Na porta da frente, decidi perguntar. “Uma coisa,” eu disse. “O incêndio... que destruiu a escola?”

Irmã Ursula sorriu e pegou em minha mão. “Não,” ela me assegurou. “Tudo o que fiz foi rezar.”

Mas ela olhou ao decorrer dos anos, lembrando. “Ah, mas as chamas,” ela disse, seus olhos brilhantes com o fogo de uma jovem mulher. “Elas quase alcançaram o céu.”

About the Author

Richard Russo has written seven novels, including *Empire Falls*, for which he won the Pulitzer Prize. Much of Russo's fiction takes place in the Northeast—from upstate New York to coastal Maine—and his most recent novel, *That Old Cape Magic*, is set largely on Cape Cod. In addition to his fiction, Russo has written screenplays and adapted his own novels into films. He and his wife Barbara spend their summers in Maine and winters in Boston, where Russo is a beloved member of the literary community.

Acknowledgements

“The Whore’s Child” first appeared in *Harper’s*, and was later published by Knopf as the title story of Russo’s only story collection.

Thanks to Knopf for permission to reprint “The Whore’s Child” (Copyright © 2002 by Richard Russo. Used by permission of Alfred A. Knopf, a division of Random House, Inc.).

Our format was inspired by *One Story* (www.one-story.com), a nonprofit literary magazine that publishes one short story every three weeks.

The Boston Book Festival

2 Canal Park
Cambridge, MA 02141
617.252.3240

www.bostonbookfest.org

Founder and Executive Director: Deborah Z Porter

Communications Director: Norah Piehl

One City One Story Project Manager: Katie Lynn Murphy

1C1S Committee: Callie Crossley, Ladette Randolph,
Christina Thompson, Henriette Lazaridis Power.

Readers: Akshay Ahuja, Alicia Anstead, Elisa Birdseye, Kate Brown, Alice Hennessey, Mark Krone, Vivien Morris, Sheila Scott, Betty Southwick, and the staff of WriteBoston.

For more information about discussion groups, meet-ups, translations, and our 1C1S writing contest, go to www.bostonbookfest.org/1C1S

WWW.BOSTONBOOKFEST.ORG



OCTOBER 15, 2011
COPLEY SQUARE